



Aumenta número de crianças vendedoras nas ruas da cidade de Nampula



Os menores envolvem-se na actividade a mando dos pais



Os pais dizem que as crianças vendem mais que os adultos

Cresce número de menores envolvidos em pequenos negócios

Notícias, Cidade de Nampula, 22.05.2018, Pág 07, ed 30.366

A CIDADE de Nampula está a registar um aumento do número de crianças envolvidas na prática de pequenos negócios que, em muitos casos, afecta o futuro dos menores.

Crianças, cujas idades variam entre nove e treze anos, circulam pelas ruas da cidade, levando à cabeça baldes ou bandejas com produtos como banana, cana-de-açúcar, amendoim torrado, pastéis de feijão nhemba, vulgarmente chamadas de badjias, bolos caseiros, entre outros.

As crianças realizam esta actividade a mando dos pais e encarregados de educação, como forma de aumentar o rendimento familiar. Porém, a prática leva à desistência escolar e ao início precoce da actividade sexual por parte das raparigas, que são aliciadas pelos compradores e não só.

Duas menores de idade que o "Notícias" preferiu não identificar explicaram que depois de trabalho doméstico, têm que ir à rua para vender.

"Contam, por exemplo, a

quantidade da cana-doce que entregam e que quando voltamos têm que fazer as contas. Zangam-se (os pais) connosco quando não conseguimos vender ou quando as contas não batem certo. Em caso de faltar algum dinheiro, às vezes, não dão comida", disse uma delas.

Na conversa que a Reportagem do Notícias teve com os menores ficou claro que eles não têm consciência do impacto negativo da actividade que realizam diariamente.

Os pais e encarregados de educação alegam que os menores devem ajudar a gerar mais renda para as famílias, para além de que eles conseguem atrair mais clientes que um adulto.

"Eu e minha esposa vamos tentando fazer outras coisas para ganhar a vida mas se for eu a ir vender banana na rua ninguém compra. As pessoas compram mais quando é uma criança a vender. No meu caso, as duas crianças que tenho vão à escola à tarde e, por isso, podem ir vender de manhã. Aos fins-de-semana ficam todo o dia a vender e trazem dinheiro



que dá para comprar pão e caril", disse Amisse B, morador do bairro de Namicopo.

Aliás, este interlocutor

reconhece que várias são as crianças que deixam de estudar para vender na rua da urbe, na busca de sustento para as suas

famílias e maior parte delas não regressa ao banco da escola, acabando por perder várias oportunidades na vida.

TUCHA ISMAEL

Uma actividade que não mata o sonho

TUCHA Ismael, uma residente no bairro de Namutequeliua, começou a frequentar as artérias da cidade de Nampula para vender pastéis de feijão nhemba, a mando dos pais.

Diferentemente de muitos na sua condição, Tucha não abandonou a escola. Porém, reconhece que o rendimento escolar reduziu de forma significativa, pois investe parte do seu tempo no negócio que pratica.

Em 2013, altura em que começou a vender na rua, ela estudava na 4ª classe na Escola Primária de Namutequeliua, onde no período da manhã saía à rua e à tarde ia à escola.

De acordo com a menor, a situação a incomodava mas teve que continuar por o negócio constituir fonte de rendimento para o sustento da família, para além de que a ajudava a adquirir material escolar, entre outras necessidades.

Explica que quando abraçou a actividade era ainda menor de idade, exposta, desde essa altura, a vários riscos, sobretudo o assédio sexual perpetrado por clientes e às perseguições dos agentes da Polícia Municipal.

Actualmente com 20 anos de idade, Tucha é mãe de uma criança, resultado de uma relação com um jovem que é também vendedor ambulante. Ambos conheceram-se na rua, no exercício da actividade. Não passa pela cabeça da Tucha abandonar o banco da escola, pois ainda alimenta o sonho de se formar como professora. Mas tal já pode não acontecer porque está mais preocupada em juntar dinheiro para adquirir espaço e construir casa própria, onde deseja passar a viver com o marido. Neste momento, vive em moradia arrendada.

Manuel Conta, director executivo da Solidariedade Zambézia, uma organização da sociedade civil que actua na região norte do país, disse que a situação da criança de rua é preocupante ao nível da cidade de Nampula.

Por isso, segundo ele, as organizações da sociedade civil têm estado a sensibilizar os pais e encarregados de educação para evitarem mandar as suas crianças para venderem produtos nas ruas da cidade, porquanto é uma actividade que deveria ser desenvolvida por adultos, dada a sua natureza e os riscos a ela associados. Defende que se não houver sensibilidade dos pais em relação a esta matéria, todo o esforço será em vão porque não há nenhum mecanismo de responsabilização aos seus promotores.